

ANTOLOGIA LAFAIETE EM PROSA E VERSO

Lafaiete em Prosa e Verso - Vol. XVIII - Ano - 2012



*Historiador
Ronaldo
Castanheira
Correia*

Vol. XVIII
ANO: 2012

Reuber Lana Antoniazzi

Reuber Lana Antoniazzi, natural de Conselheiro Lafaiete, é filho de Umberto Antoniazzi e Libânia Lana Antoniazzi, advogado, autor dos livros: Tributo à Rua Marechal Floriano Peixoto, Contos e Causos de Lafaiete e Amigos e Carta de Luzir aos Portugueses.

ESCADINHA

(2º lugar Geral na categoria Conto e 2º lugar (Prêmio especial sobre a cidade no "Concurso Internacional Cidade de Conselheiro Lafaiete/2011")

O ano é 2010. A névoa do tempo povoou os céus de Lafaiete. A grande Fenix com suas possantes asas pousou na cidade trazendo ilustres famosos do passado com nomes de tradicionais logradouros da cidade para confraternização na passagem do seu aniversário. O pouso ocorreu na escadinha, abaixo do famoso quatro cantos. Local bucólico e simples. Ali os degraus serviram de assento e base para cada um contar a sua história pessoal, política e da nossa Villa Real de Queluz, depois Queluz, e atual Conselheiro Lafaiete.

O Barão de Pouso Alegre tomou a palavra e deu início ao inimaginável encontro com a apresentação do seu estimado filho Lafayette, quando todos os presentes, cada um se identificando, dispensaram com galhardia cordiais e respeitosos cumprimentos com o aceno da aba dos chapéus.

Barão destacou que o nome Queluz vem de além-mar, que é o nome do Solar onde nasceu Dom Pedro I, o Palácio Nacional de Queluz em Portugal, nosso descobridore. Com orgulho disse que seu filho fazia parte da Corte do Imperador Dom Pedro II, tendo decisiva participação na implantação da construção da Estrada de Ferro Dom Pedro II, depois Estrada de Ferro Central do Brasil, que rompeu nossas Minas Gerais para o progresso e transporte das riquezas.

Lafayette, sobriamente paramentado, então comentou que agora estava se dedicando a projeto de austeridade nos gastos da coroa, intitulado Direito das Cousas, sendo certo que o primeiro item é dar valor ao que possui e saber gastar bem com poucas coisas boas, do que gastar pouco com coisas genéricas. Destacou que o Imperador, nas reuniões, tinha por costume mostrar complacência, respeito e tolerância com os súditos, pontuando sempre que todos nós passamos por momentos de ilusão e ignorância, destacando que na vida devemos deixar de lado a letargia e omissão, pois o mundo não para, e o governo deve ser soberano, dinâmico e leniente em respeito ao Criador. A missão e obrigação é oferecer o melhor a todos nas áreas da saúde, educação e segurança. E se brotarem elogios, devem servir apenas para aquecer o coração. Homem bom, culto, incólume de caráter e grande visionário, o nosso Imperador, completou Lafayette.

Cavalheiros, pela ordem: a rua marco da cidade em face da construção

da ferrovia leva merecidamente o nome do Marechal Floriano, quando então iremos subir os trilhos e caminhar pelo antigo trajeto da saudosa Queluz, até alcançar a grande Avenida, marco dos anos 60 e 70, quando despontaram novos horizontes com reflexos de emancipação para toda a nossa região.

E, com leve toque no ombro do Marechal, disse: com o preclaro, a palavra.

Floriano Peixoto, engalanado de merecidas medalhas, no silêncio das lembranças, ouviu o barulho da locomotiva passar lá longe, paralela à rua que leva seu nome. Esboçou um sorriso e lembrou-se de que no seu governo era chamado de “Marechal de Ferro”. Comentou com os presentes que, como militar, a própria educação obrigava-o a ser duro nas atitudes. Porém sempre dispensou ternura. A questão de ser taxado de nacionalista é, até certo ponto, dever e obrigação de cada brasileiro com a Pátria. Sem ordem e progresso nada anda direito. A questão de ser visto como centralizador muitas das vezes é porque a função exige para ceifar os desastres que outros causam em seu nome. Há pessoas que precisam de linha dura para aprender a andar no caminho da retidão. Dessa forma, você ajuda e certamente será ajudado.

Mas sinceramente acredito que, no frígido dos ovos, fui bom para o povo, preocupei-me com o controle de preços nos gêneros alimentícios e a escalada do aluguel. A minha secular rua na cidade possui o mais forte comércio varejista da região, com gente boa e trabalhadora à frente e todo tipo de variedade com bom preço. E isto vem de longe, e vai longe... Fico feliz de minha rua ser famosa.

Subindo o degrau acima da “Travessia da Central” das palavras, Getúlio Vargas, apumado, degustava o inseparável chimarrão com olhar no infinito, parecendo desconhecê-lo, em outro plano, sem noção do tempo precocemente perdido, e com natural semblante visionário, asseverou:

Caros Barão e Lafayette, podem ficar tranquilos. No meu governo instalarei a Siderúrgica Nacional nesta região, que fatalmente irá ao encontro e aos anseios da construção da linha férrea. A região aqui é de puro minério. Tenho noção e certeza de que poderei contar com o Francisquinho no jurídico, o Ary Belisário na administração, e o Narciso na saúde. Até lá também editarei leis que garantam salários aos empregados, para que no fim da vida conquistem uma digna e merecida aposentadoria. Afinal, tudo que existe foi porque alguém lá atrás fez. O salário e a garantia de emprego são uma forma que encontro para dar valor ao homem e aplacar esta mania que ainda ronda de escravidão. O homem não pode ficar sem uns trocados no bolso. É minha obrigação e dever apoiar o proletariado, pois é ele que me mantém no topo do poder. Espero que cumpra e chegue bem ao fim da minha missão. Não é minha pretensão me perpetuar no poder. É chegar no patamar digno que a nação merece. Política não é profissão, é missão. As mulheres terão direito a votar. É também meu propósito implantar austeridade. Os problemas internos serão questionados e solucionados em

reunião no meu gabinete a portas fechadas. Seja o que for e quem for. As ordens serão expressas: "me encontro ocupado em reunião", a fim de afastar a turma dos bajuladores. Serão tempos modernos.

Foi quando um dos presentes ponderou: Fique alerta com a instituição de "reunião" em local de trabalho, procure nunca levar reunião para os aposentos íntimos de casa, como também pare com esta mania de carregar arma. Risco todo mundo corre. Arma por perto é perigoso e letal. Sugiro também que procure deixar de ser o extremo de excêntrico em exigência, e de querer tudo a tempo e modo com exatidão. Lembre-se de que tudo passa muito depressa meu caro, e pode até acontecer antes da hora.

Na divisa acima, Melo Viana, com terno cinza de tropical inglês, gravata italiana e camisa branca impecavelmente engomada, cidadão de notório saber e conservador, com marcas de feridas no corpo pelo ideal de manter a cor amarela no País, tomando a palavra alertou: O difícil na política é a falta de fidelidade de alguns colegas com o partido. Muitos ali só enxergam o próprio umbigo, não têm nenhuma vocação para o mister. É só oportunismo, mais nada. Alguns, quando perdem nas urnas, lançam panfletos anônimos na calada da noite, atitude vil e tacaña, assim como o vandalismo. São acontecimentos execráveis e em desuso nos dias atuais. Outro grande desafio é incutirem o outro da ideia de que o certo é primeiro atender os anseios do povo, aliado ao progresso da cidade. Leonardo da Vinci cravou: quem pensa pouco erra muito. A classe política, por natureza, tem privilégios acima dos comuns, o que obriga a todos nós a pensar mais e a trabalharmos agasalhados de ética e virtudes para a nossa perpetuação servir de exemplo.

Vejam bem: os amigos já pararam para pensar o tanto de vezes que nosso nome é lembrado, falado e escrito de alguma forma no dia a dia de todos nós?

Ora, somos ponto de referência a todo o momento e destaque em todo tipo de comunicação. Por isso mesmo, temos que nos poupar no uso indiscriminado da vaidade, mantendo a boca e as mãos limpas.

Sempre digo que o uso da cautela deve caber na rédea da vaidade, senão o animal dispara sem rumo. Sabemos que sem vaidade nada anda e funciona; principalmente nossa classe que é atrelada ao poder. Aí é que mora o perigo. Não devemos cavalgar acima do morro do Guarani, senão nos arriscamos cair no abismo.

Dr. Narciso de Queiroz, renomado médico cirurgião, trajado com o famoso jaleco do ofício, cidadão de postura e detentor de aura de prestimosidade, reconhecido pelo respeito ao próximo, e que sempre acreditava na força divina da cura e no homem, aviou o seguinte: nós médicos, temos noção do alívio e da dor nos que passa um doente e em nossas visitas domiciliares sabemos de perto ainda mais o problema e limites de cada pessoa. Precisamos cada dia mais valorizar, o ser humano, no sentido de que seja provido de recursos que sirvam de lenitivo e oxigenação

da alma, para sentir que, por mais difícil que seja a vida, ela é e sempre será o que de mais importante existe.

O cidadão Afonso Pena, trajado com o seu peculiar jaquetão preto, amante da legalidade e mudanças, que fez no curso da história um ouro preto mudar para um belo horizonte, com vigor disse aos presentes: de plano, agradeceu a homenagem prestada por ser nome de rua tão importante da querida Lafaiete, sendo a única que conhecia de ter quatro cantos, e ainda tem o privilégio de findar na praça principal. Olhando ao redor onde se encontrava, lembrou que as escadas trouxeram a recordação do dia em que galgou os degraus para tomar posse como Governador do Estado de Minas Gerais. No dia da solenidade, meus preclaros, o meu coração só palpitava, sentia até o ranger da medula óssea, levantava a cabeça e respirava fundo para as pernas permanecerem rígidas. A maior segurança que encontrei foi a presença e aplausos de alguns ali presentes, verdadeiros e leais correligionários, nos quais podia confiar e que certamente seriam minha alavanca e colunas de base para o meu governo. Certamente eram menos de dez como os dedos das mãos na contagem de amigos, mas o suficiente por serem probos e trabalhadores, obrigação natural do homem.

Confesso a vocês que a minha grande dificuldade é decorar nomes da grande massa. Passo apertado no cargo de político. Muitas vezes tenho que abraçá-los e, ao pé do ouvido, saber o nome e cumprimentá-los em alto e bom tom para ficar bem na situação. É difícil tem hora. Mas, de verdade, é muito bom ser querido e conhecido. Aliás, é melhor ser rico do que ser pobre, feliz do que infeliz, ser saudável do que macambúzio, ser alegre do que triste, e ainda mais pisando no chão da autonomia e liberdade.

O voto outorgado pelo cidadão é augusta dádiva, cravejada de mérito pessoal, que dá fama e poder. Por isso, representa uma missão que o eleito tem o imorredouro dever de cumprir. A política na minha época exigia respeito, exercício acurado de atenção, elegância e simpatia para com todos, e que, dispensada, gerava boas culturas e árvores que se tornavam perenes na colheita da vida. Procurei levar a minha governança cautelosa com fincas no altruísmo e na ética, sem alarde e propaganda. Corroborando os dizeres do nosso Getúlio da CLT: É cumprir a missão e ponto final. Hoje, pelo que vejo é tudo um espetáculo pirotécnico, todo mundo só quer aparecer, fazem tudo a toque de caixa sob a égide da vaidade, independente de estratégias para romper o futuro. A mensuração com gastos joga pra frente, quase tudo tem que ser feito, uma luta inglória e sem fim. Um começa o outro não termina, e por aí afora... Uma falta de respeito com o cidadão. Fica a sensação de que se esqueceram de que é muito importante governar.

No despontar da secular avenida, sob os auspícios de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Conceição, Mário Rodrigues Pereira, médico, homem sistemático e reservado como todo sábio, e sangue nas veias de puro político, com seu modesto e natural estilo, diagnosticou: é modo de

expressar, meus caros, mas o meu governo, salvo melhor juízo, veio ao encontro e aos anseios do nosso povo. A implantação do Tiro de Guerra trouxe para a região inegável desenvolvimento e segurança. O nosso grande mineiro Santos Dumont jamais poderia deixar de ser lembrado e prestigiado. O progresso inexoravelmente chegará também pelo ar. Por isso, preparei o terreno. O campo do estudo foi prestigiado com o nome do saudoso Monsenhor Horta, que citava: uma beleza a fé, esperança e caridade. Dizem que a religião é coisa do passado. E o que é o presente sem o passado se nada sabemos do futuro? Deus sabe!

A verdade, continuou o orador, é que o saber traz na bagagem do cidadão a força e potência para enfrentar os desafios da vida com entusiasmo, que, junto com a energia, formam boa parceria.

E só assim teremos bons cidadãos e crescimento. Um povo educado é sinônimo de progresso e aborta malfeteiros. Na minha modesta opinião, as classes de professores e da guarda-municipal merecem remuneração mais digna, pois, indubitavelmente são eles o arcabouço do progresso e segurança da sociedade. O calçamento das ruas principais com paralelepípedo, a exemplo do calçamento da entrada do Palácio de Versalhes, agradou a todos pela beleza e limpeza. Até a patroa aplaudiu. Ora, se fui elogiado em casa, na rua nem se fala. A criação dos campos do Meridional e do Guarani também me trouxe muita alegria. A sadia rivalidade no esporte é alguma coisa que só acrescenta, quando todos querem ser o dono da bola.

Na política, amigos, como em tudo quanto há, é nosso dever e obrigação respeitarmos o progresso e limites impostos pelo tempo, que passa muito depressa. É brava a luta e incomparável o sabor da vitória. Para muitos, traz embaraço e gosto de vinagre.

É como diz o gente boa de coração, Assis Andrade, nosso companheiro e provedor do Hospital Queluz. O nobre médico e causídico ensina a todos que: é preciso ser esforçado na leitura e cultivar o sentimento da bondade semeando a poesia para amanhã colher bons frutos. Acredito que cabe perfeitamente também no campo da política, embora a colheita só chegue quando já estamos maduros. Por tudo isso é que sinto que o tempo passa muito depressa. É a realidade da vida. Nasci novo, amigos.

Joaquim José, o mártir da Inconfidência, Tiradentes, de pé no vigésimo primeiro andar da escadinha, contemplando a estátua do Cristo, cofiava a barba na forma de um triângulo, e com seu magnetismo e peculiar aura de heroísmo, descendo com altivez um degrau, sentenciou:

No auge do meu tempo, por aqui, me hospedei. Hoje sei, no fundo do meu coração, que o sonho que tive é uma realidade. *Libertas quae sera tamen*. A liberdade não tem preço, amigos. As diversas classes sociais são uma realidade e inexequível no mundo. O ouro é precioso, é bem de uma minoria. Uma boa solução para abrandar a diferença continua sendo a de abster-se da dependência dos grilhões da economia, medindo com atitudes,

sem miséria, o consumo de água e fubá. É alto o preço da liberdade.

O Barão de Queluz, renomado militar, cheio de brios e euforia, narrou que conheceu mais que ninguém nas viagens e batalhas o valor da água para a sobrevivência do homem. Por isso, empreendeu medidas no segmento de instalação do precioso líquido em prol da população. É obra que não aparece, mas necessária, mesmo porque, o que importa é a força da consciência cristalina gerar vida no coração. Citou que, no tradicional Chafariz instalado em sua praça, os negros sofriam com o carregamento de água e maus tratos. Tempo feio, frio e triste. Por isso, enveredei na minha estadia política e fiz o que pude para dar vida ao local e mudar o rumo da história com a distribuição de água. O orçamento foi respeitado e, dentro das condições e possibilidades do governo, distribuído o máximo que pôde na canalização para a cidade. Confesso que Adriano, o Imperador de Roma, foi também uma das minhas fontes de inspiração.

No fim, tudo deu certo. Fui agraciado com placa de bronze contendo o dístico: *'Assiduo vir propositi tenax omnia vincit'*, isto é: "O homem persistente de propósito tenaz tudo vence".

E mais legal ainda: a minha praça é bela, toda arborizada e caminhos de areia branca, é local de encontro de famílias, casais, amigos e de sonhadores, de um lado está o Palácio da Justiça e do outro a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Por isso, tenho certeza de que passei bem nas ondas do meu tempo. Fez o Nome do Pai e se recolheu.

Na descida do fórum surge a imponente e moderna avenida que tem o seu marco nos braços do Getúlio.

Telésforo Resende, trajado com inata simplicidade, destacou que a abertura da Avenida, foi um verdadeiro trem que despontou uma nova era no crescimento da cidade. Ao desbravador da época no executivo, Orlando Baêta, meu sucessor, todo o mérito. Foi uma verdadeira locomotiva que atravessou as linhas imberbes dos terrenos das famílias Nassif, Castanheira, Franco e Figueiredo, com o silvo do sucesso. No ponto quase central, outra avenida que termina aos pés de Santa Efigênia. Uma maravilha! Ali plantada a semente do crescimento. A sua construção foi na década de 60, tempo em que tudo mudou em nosso planeta.

Melo Viana pigarreou e, num aparte, comentou: no princípio fiquei com uma pontada de ciúmes porque o pujante e tradicional comércio da minha rua estava todo ele migrando para o Telésphoro — ciuminho bobo. Mas, de verdade, como político, tenho que subtrair conhecimento de que a vida é um ciclo e que sempre teve e terá lugar para todos os que lutam, a terra; é grande, a exemplo dos dizeres da placa em homenagem ao amigo Barão de Queluz.

De volta, Telésphoro dissertou que, no seu tempo de governo, a situação era outra, era necessário dar base e guarnecer a população com o mínimo, e que ao final é imprescindível em todo o mundo para alavancar o progresso, o fornecimento de água e saneamento básico. O manancial foi o

da Jacuba. É a maneira de se precaverem problemas de saúde e oferecer conforto e segurança à população. A luta foi árdua, e por nossa cidade ser limítrofe do minério com a agricultura, abri estradas e fiz o máximo que pude em prol dos belos lugarejos do município, na implantação de escolas e toda infraestrutura básica. As construções da Estação Rodoviária, Centro de Saúde e dos Correios, foram em estilo moderno, assim como inúmeras praças cheias de vida, que trouxeram beleza e lazer para a população.

Tenho comigo o orgulho e a certeza de que muitos se assentam em bancos escolares e se satisfazem na higiene, transporte, lazer e comunicação foi por causa da nossa força de trabalho na cadeira do Executivo Municipal. Boa época aquela, e que não volta mais!...

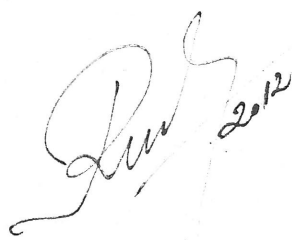
A reação do silêncio aportou.

Foi quando, então, Lafayette, disse: o circuito por nosso mundo aqui e agora da cidade chegou ao fim. O tempo passa, tudo muda e se transforma, menos o sabor do néctar do trabalho, determinação e ética. Pode ser qualquer tipo de governo, mas ele jamais deve aceitar aqueles que abraçam o nepotismo, utilizam do subsídio do superfaturamento, extrapolam o orçamento e a vaidade atrelada à missão. Acredito, amigos, que fizemos por merecer boa nota pela nossa presença na vida. Acredito, também, que todos nós tivemos a felicidade de sair da superfície e cair no mundo real. Fizemos com dignidade nossa trajetória e criamos novos caminhos e progresso para os homens. Nossas passagens e as construções erigidas para a posteridade foram revestidas de bom acabamento e respeito ao Criador. Foi tudo muito legal. A terra tem quatro cantos e nas escadas do tempo vem o progresso!

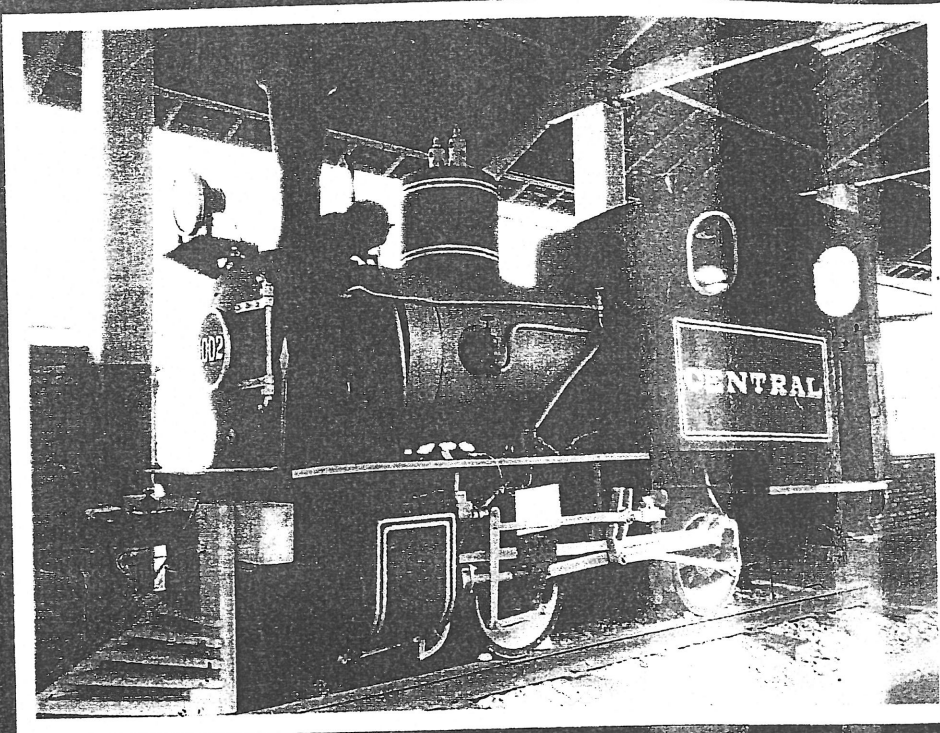
E no brilho do sol poente, lá longe, a Fenix novamente despontou. Lafayette com alegria contagiante pelo inaudito e magno encontro chamou a atenção de todos dizendo: olha também lá amigos, estão chegando mais companheiros. Com certeza merecem Nota 10 com louvor. A vida continua...

Nota do Autor:

*Qualquer coincidência com os personagens advém da máxima:
os mortos não falam, pensam alto, e jamais dizem amém.*



Locomotiva Orenstein Koppel



Estação Ferroviária de Conselheiro Lafaiete fundada por D. Pedro II em 1883. Em 1898 recebeu amplo depósito de locomotivas.

A antiga Estação possui onze cômodos em um só pavimento. Hoje, Centro Cultural "Maria Andrade Resende", encontra-se desativada para reforma.

Abriga a Biblioteca Municipal e o memorial do patrono da cidade, Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira. O Museu Ferroviário, também lá instalado, preserva, entre outras curiosidades do início da ferrovia, a locomotiva a vapor 6561, de fabricação alemã, a "maria-fumaça", repassada à Central do Brasil em 1951, esteve no depósito de Três Rios, tendo rodado até 1968.

A partir de 1999 sob a guarda da Prefeitura Municipal, tornou-se bem tombado pelo município.